

# A retomada depende do ajuste fiscal

por Maria Christina Carvalho  
de São Paulo

A previsão de que o Produto Interno Bruto (PIB) vai crescer até 3,3% neste ano, como projeta o economista Cláudio Contador — que tem inspirado comentários otimistas do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira — não significa uma retomada do crescimento econômico. Mas apenas uma recuperação, fundamentalmente em cima da ocupação da capacidade ociosa e sem contratação de mão-de-obra. Afinal, mesmo com essa expansão do PIB, a economia estaria apenas voltando ao nível de atividades de janeiro de 1990.

A retomada da economia pressupõe o ajuste do Estado, com a reforma fiscal, a abertura comercial, a estabilização da moeda e a recuperação da confiança em regras estáveis, sintetizaram os quatro participantes do programa Crítica & Autocrítica, produzido pela Gazeta Mercantil e pela Rede Bandeirantes de Televisão, no último domingo. Foram eles os professores Contador, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Eduardo Gianetti da Fonseca, da Universidade de São Paulo (USP), e os empresários Paulo Setúbal, presidente da Duratex, e Roberto Rodrigues, presidente da Eximcoop e representante do setor agrícola no Conselho Monetário Nacional (CMN).

"Para se falar em volta do crescimento, é preciso antes reduzir os juros e a carga de impostos. A solução passa, portanto, pela reforma fiscal. Depois dela os empresários poderão tomar decisões de investimento", disse Rodrigues, lembrando que o setor agrí-

cola tem uma carga tributária de 30%.

Para Fonseca, a volta do crescimento depende da redução dos gastos públicos — apenas com pessoal os gastos cresceram 64% reais na década de 80 —, da abertura econômica — o Brasil importa apenas 5,6% do consumo interno para 9,1% da Índia e 32% da Coréia do Sul — e da estabilização da moeda.

Setúbal acrescentou que a retomada pressupõe confiança dos empresários em relação a regras estáveis, afastando a possibilidade de congelamentos; racionalização dos impostos; e uma política cambial realista.

Contador ressaltou que, enquanto a recuperação se der pela ocupação da capacidade instalada ociosa e não existirem investimentos fixos, que no momento são de apenas 16%, não haverá redução do desemprego ou aumento real de salários.

O professor da UFRJ alertou que, no processo de retomada, o País tem que "definir prioridades. Não dá para produzir tudo. A sociedade tem que discutir o que quer produzir, e importar o resto". "Alguns setores serão cortados", concordou Setúbal, afirmando que será preciso optar entre "ter automóveis e televisores mais baratos ou ter mão-de-obra empregada."

No setor agrícola, lembrou Rodrigues, o Mercosul vai balizar o perfil das culturas brasileiras.

Nas pesquisas de Contador, consolidadas no boletim Indicadores Antecedentes, que edita com o economista Airton Ribeiro, o professor também prevê para este ano um crescimento de 3,5% da produção industrial, e de 8% do faturamento real do comércio (ver box). O professor lembrou que levantamento do IBGE já mostrava uma expansão de 4% da indústria

nos 12 meses terminados em março. Dos 25 subsetores acompanhados, apenas 4 estavam em queda, entre eles bens de capital, com perda de 5,1%.

Mas Setúbal afirmou que a indústria paulista não confirma essa previsão, apresentando queda de 20 a 25% e capacidade ociosa de 35%, atribuindo isso à carga fiscal. "A Duratex, por exemplo, pagou em impostos, no ano passado, US\$ 74 milhões, o equivalente a 30% do faturamento."

Contador também confia no efeito positivo da boa safra agrícola nos outros setores. Rodrigues observa, porém, que, apesar de essa safra ter crescido 13,2% em termos físicos, a receita do setor cresceu menos, 6,4% (em cerca de US\$ 1 bilhão), porque os preços caíram. Esse é um dos motivos que explica a queda, no primeiro semestre, de 20% na venda de máquinas agrícolas, de 50% na de sementes e de 2% na de fertilizantes.